

EDITORIAL

Por mais mulheres na ciência

É com imensa alegria que iniciamos as edições de 2020 da revista Movimenta falando sobre mulheres. Esta semana me deparei na rede social com a foto de uma garotinha com uma camiseta cor de rosa com a seguinte frase estampada: "Forget princess, I Want to be a scientist". Há pouco tempo foi comemorado o Dia Internacional das Meninas e Mulheres na Ciência (11 de fevereiro) e diversas iniciativas foram promovidas no Brasil e no mundo com objetivo de dar visibilidade à participação feminina no âmbito da ciência e tecnologia.

Do ponto de vista histórico, a atividade científica foi reconhecida como sendo realizada predominantemente por homens e a mudança deste cenário veio a ocorrer mais fortemente na segunda metade do século XX¹. A participação da mulher na ciência brasileira é relativamente recente e a inserção feminina em cursos superiores e programas de pós-graduação nas universidades do Brasil tem aproximadamente 50 anos.

Apesar dos avanços da inserção da mulher no mundo do trabalho e carreira científica, o papel da mulher na ciência ainda é pouco valorizado e até desconhecido por grande parte da população. O tema é complexo e as motivos para a baixa participação feminina podem estar relacionados a aspectos socioculturais, econômicos e cognitivos².

Nos últimos anos houve um incentivo maior de agências de fomento, empresas e universidades em reconhecer o papel das mulheres no âmbito da pesquisa científica por meio de iniciativas como a criação de premiações, títulos honoríficos e publicações de livros e artigos sobre o assunto.

Cibelle Kayenne M. R. Formiga¹

¹ Professora da Universidade Estadual de Goiás
Editora Chefe da Revista Movimenta

E-mail: cibellekayenne@gmail.com

Milhares de mulheres continuam se esforçando em trabalhar, pesquisar e produzir para alcançar o reconhecimento no mesmo patamar alcançado pelos homens. Acredito que não devemos encarar isso como uma disputa, mas uma igualdade de oportunidades entre os profissionais, sejam eles homens ou mulheres.

Na pirâmide educacional brasileira as mulheres estão atingindo níveis mais altos na escolaridade, o que pode ser reflexo do maior acesso ao ensino superior e pós-graduação no Brasil. Considerando o número de currículos cadastrados na Plataforma Lattes³, dos 134 mil doutores atuantes em ensino e pesquisa 47% são currículos de mulheres³. Em determinadas áreas do saber, como as ciências da saúde, é expressamente maior o número de mulheres e pesquisadoras⁴.

O maior interesse das mulheres pela pesquisa também tem impactado no aumento do número de publicações. Como exemplo, podemos citar o número de artigos publicados na revista *Movimenta*. Em doze anos da revista, considerando o nome do primeiro autor que aparece nos artigos, as mulheres possuem 50% a mais de publicações em relação aos homens.

Apesar do assunto levantar uma boa discussão e servir de temas para boas e calorosas mesas redondas e palestras em eventos científicos, o intuito de abordar esse assunto aqui é reconhecermos o fato de que as mulheres têm alcançado e conquistado o seu lugar ao sol em nossa sociedade ainda patriarcal, machista e preconceituosa.

Os desafios impostos para as mulheres na ciência são grandes, mas com sabedoria, criatividade e senso crítico acreditamos que dias melhores virão para uma sociedade mais justa e igualitária entre as pessoas.

Para finalizar, parabenizo a todas as meninas e mulheres na ciência pelo trabalho, dedicação e resiliência não apenas por este dia especial, mas por todos os dias do ano. *Yes, we can!*

Referências

1. LETA, J. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, 2003, 17 (49): 271-284.
2. SOARES, T. A. Mulheres em ciência e tecnologia: ascensão limitada. *Química Nova*, 2001, 24(2), 281-285.
3. BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Extração de dados da base de Currículos Lattes em 30/11/2016. Painel Lattes. Site: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em 18/02/2020.
3. SCHEFFER, M. C., CASSENOTE, A. J. F. A feminização da medicina no Brasil. *Revista Bioética*, 2013, 21(2), 268-277.